

# O resgate da França

A semana que findou ficará marcada na História universal como das páginas mais impressionantes e gloriosas que o mundo tem vivido. A França vencida, esmagada, humilhada, levanta-se altivamente para lavar a afronta, e redimir-se perante os olhos estupefactos do mundo.

Os falsos profetas da decadência irremediável da raça latina, os que depreciaram a vitalidade do nosso espírito ocidental devem ter sentido, neste momento, o erro do seu juízo superficial e infundado. E isto deve constituir para nós, portugueses, um motivo de justificado orgulho. A latidude não morreu. Nem morreu, portanto, a civilização ocidental, humana e cristã que ela soube impor aos homens de todas as raças e condições — e que saberá ainda fazer respeitar, na desorientação do após-guerra.

Aos que perderam a fé no valor eterno da nossa raça, a vergonhosa derrota da França gloriosa assemelhou-se a um dobre de finados, não só daquela tão heróica nação como de todas as que o génio latino gerara. Outro mundo nasceria, outras raças vingavam, outra civilização se erguia às portas do futuro. E, de facto, quem lhes não daria razão, há quatro anos, perante o doloroso espectáculo da queda vertiginosa do que se julgava o melhor exército do mundo?

Em 1940, marchavam os soldados para a frente, de punho fechado, aos gritos de «abaixo a guerra». A nação não tinha armamento. Nas fábricas de material de guerra, os operários lançavam areia nas roldagens dos tanques. No Parlamento, degladiavam-se os políticos, preferindo obter um voto a mais nas competições partidárias a unir os seus esforços para a salvação da Pátria. Quem se não recorda das graves acusações lançadas em rosto aos ministros da Aviação e da Defesa Nacional, pela incuria inacreditável de que deram tão trágicas provas?

Quando o inimigo atacou o solo nacional, a França não tinha chefes, nem generais, nem armas, nem Governo, nem Fé, nem Patriotismo. Quando, passados dias, o exército capitulava, e o inimigo lhe impunha um armistício deprimente, o general Pétain, velho símbolo da antiga França, relíquia de um passado glorioso, foi o único homem que apareceu para assumir o comando dos destinos incertos da Nação e para lhe dizer, num tom de desmoralizado fatalismo, que já nem tinha exército, nem filhos, nem amigos.

Os primeiros dois anos da ocupação causaram nos franceses, pelo menos na maioria deles, o efeito de um narcótico. A quantos franceses e a quantos estrangeiros que passavam pela França não ouvimos nós dizer a terrível impressão que lhes causava a insensibilidade do povo perante a desgraça e o conformismo com a que julgava a irremediável derrota. A França não sentia forças para reagir, não tinha confiança em si mesma.

Hoje, passados quatro anos de incrível sofrimento, a França já não é a mesma.

Que impressionante contraste entre os relatos da imprensa de agora e os de então!

O soldado francês e o civil francês já não marcham ao som de gritos de um estranho «pacifismo», mas ao som dos acordes inebriantes do hino nacional, muitas vezes desarmados até,

mas de frente erguida e ativa, caminhando varados pelas armas inimigas, afrontando a morte a cantar o grito da vitória, naquela estrofe empolgante da Marselhesa: «aux armes, citoyens!» Paris, cuja queda pouco impressionara então, torna-se o símbolo do resgate, e o sangue francês lava definitivamente, por tingir com tanta heroicidade as águas do Sena, a vergonha passada de uma derrota sem honra. A França inteira se levanta, num íremito de esperança, numa vara de heroísmo e de força, confiante nos seus destinos, certa da vitória e disposta a pagá-la por todo o preço.

O contraste torna-se ainda mais vivo, aproximando a ideia que todos nós fazíamos da França de 1940, da ideia que fazíamos da França de 1944. Então ninguém podia prever a derrota, antes, se esperava a batalha, na certeza do triunfo do exército francês. Hoje ninguém contava com tanta heroicidade, nem sequer com a possibilidade dela.

Os quatro anos de humilhação, de lágrimas, de sofrimentos e de luto, transformaram tudo, caldearam o espírito, fortaleceram e retemperaram

a Fé. A França não tinha morrido, porque não tinha morrido o espírito da França, porque não morreu a virtude cristã que gerou Joana d'Arc e S. Luís. A França não tinha morrido porque não morreu o espírito latino.

Os erros cometidos depois de Versaillies, a vida fácil e os costumes amolecidos em que se procurou delectar à sombra da vitória, o esquecimento das virtudes fortes dos seus antepassados, levaram-na à mais trágica decadência. Mas na alma da França não se apagara ainda o fogo do espírito nem o génio criador de civilizações. Bastou a tempestade ter feito voar as cinzas que abafavam a chama da dignidade e do brío, para que a fogueira se ateasse mais forte do que nunca, começando já o seu clarão a alumiar o mundo.

Enche-nos de alegria a transformação inesperada da França. Afeitos a ver no povo francês um feroz egoísmo que o levava a procurar apenas o bem individual, sentindo-o como o egoísta e irreverente como ninguém, gozador da vida, atirando à cara das nações mais sóbrias a lama dos seus «cabarets», e pressentir agora a regeneração de tudo isto e vê-lo retomar o caminho do sacrifício próprio para o bem colectivo, até ao ponto de não regatear a imolação da própria vida em holocausto ao bem da Nação, não é só uma grande alegria, mas sobretudo uma grande esperança para nós que temos o orgulho de pertencer à raça latina de que a França saberá voltar a ser o expoente.

O fermento que levedou toda a massa e em tão pouco tempo a transformou em pão da Vida, podemos encontrá-lo nessa juventude operária, caldeada pelo espírito criador de Cardyn, que soube dar à alma trabalhadora o ideal jocista. «Pura, ativa e conquistadora», conforme reza o seu hino empolgante, a Juventude Operária Cristã, procurando apenas resgatar a Vida do Trabalho, preparou afinal o caminho para o resgate de toda a vida nacional. Recordá-nos de ter lido que o primeiro soldado caído em França, nos campos da batalha, tinha sido um jocista. Foi talvez o sangue desse herói operário que argamassou a união dos franceses para as brilhantes páginas do novo capi-

tulo da sua História, que acaba agora de se abrir com a libertação de Paris.

Saudemo-la nós também, como o início de uma vida nova, moldada naquelas grandes virtudes cristãs que fizeram das nossas Nações latinas as primeiras entre as primeiras.

ABEL VARZIM